

GERAÇÃO CONECTADA: ADOLESCÊNCIA E SOFRIMENTO PSÍQUICO POR TRÁS DAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS

CONNECTED GENERATION: ADOLESCENCE AND PSYCHIC SUFFERING BEHIND VIRTUAL SOCIAL NETWORKS

Jamyle dos Anjos¹

Milena Silva Lisboa²

Camila Pedreira e Ataíde Figueiredo³

Isabella Regina Gomes de Queiroz⁴

RESUMO: A adolescência constitui-se como um momento delicado da vida, sobretudo no que se refere à saúde mental, que vem sendo percebida como comprometida devido à vivência de novos modos de relação social, permeados pela fluidez e efemeridade da Modernidade Líquida e pela emergência do sentido de privacidade e desvalorização da esfera pública. Estas características refletem-se nas Redes Sociais Virtuais (RSV), que têm produzido efeitos diversos no desenvolvimento dos adolescentes e imposto padrões inalcançáveis para suas vidas. O presente artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de natureza qualitativa, que teve como objetivo principal compreender a relação entre o uso de RSV e o sofrimento psíquico de adolescentes na Contemporaneidade. Foram realizados grupos focais com adolescentes de uma Instituição particular de Ensino em Feira de Santana/BA, a partir dos quais foram construídas quatro categorias de análise. Neste trabalho, apresentaremos a categoria Sofrimento Psíquico; com subcategorias: 1) Toxicidade: discurso de ódio, extremismos,

¹ Mestra em Psicologia e Intervenções em Saúde pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Psicóloga e Neuropsicóloga Clínica e Escolar. Coordenadora e Psicóloga Escolar do Colégio Gênese.

² Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2008), com bolsa CNPq em ambos os projetos de pesquisa. Foi contemplada com bolsa de doutorado sanduíche (CNPq) na Universitat Autònoma de Barcelona, Espanha. Mestre em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia.

³ Mestre em Psicologia e Intervenções em Saúde pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (2020). Especialista em Teoria da Clínica Psicanalítica pela UFBA (2015). Especialista em Psicologia Clínica Hospitalar pelo Instituto do Coração do HCFMUSP (2013). Experiência na área de Psicologia Clínica, Psicologia da Saúde e Psicologia Clínica Hospitalar.

⁴ Doutora em Medicina e Saúde Humana, Professora Adjunta da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Psicóloga do serviço de referência em triagem neonatal. Membro do Espaço Moebius Psicanálise.

intolerâncias; e 2) O impacto dos padrões perfeitos e opiniões absolutas. Destaca-se a necessidade de estratégias de mediação virtual que contribuam para a socialização e para a busca de outros benefícios, bem como o cuidado com excessos e riscos que geram modos de sofrimentos intensos.

PALAVRAS-CHAVE: rede social virtual; adolescência; estresse psicológico; psicologia.

ABSTRACT: Adolescence is recognized as a delicate period in life, particularly regarding mental health, which is increasingly seen as compromised due to the experience of new modes of social interaction. These interactions are marked by the fluidity and transience characteristic of Liquid Modernity, alongside the emerging sense of privacy and the devaluation of the public sphere. These features are mirrored in Virtual Social Networks (VSN), which have produced diverse effects on adolescent development and imposed unattainable standards on their lives. This article presents part of the results from a qualitative research study that aimed to understand the relationship between the use of VSN and the psychological distress of adolescents in contemporary times. Focus groups were conducted with adolescents from a private educational institution in Feira de Santana, Bahia, from which four analytical categories were constructed. In this work, we present the category Psychological Distress, with two subcategories: Toxicity: Hate Speech, Extremism, Intolerance The Impact of "Perfect" Standards and Absolute Opinions. This study highlights the need for virtual mediation strategies that contribute to socialization and the pursuit of positive benefits, as well as the importance of addressing excesses and risks that lead to intense forms of suffering.

KEYWORDS: virtual social network; adolescence; psychological stress; psychology.

Introdução

A adolescência durante muitos anos não foi considerada como uma fase do desenvolvimento humano. Somente com o advento e estruturação da escola que esta fase passa a ser considerada e ter suas demandas identificadas (Ariès, 1981). Atualmente, é considerada uma fase da vida marcada por mudanças significativas no desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social, além de ser palco da

vivência de demandas que levam a tomadas de decisões importantes e cruciais para a vida. Temas como a escolha profissional e a busca por estratégias para alcançar a independência são recorrentes entre os(as) adolescentes, que se percebem influenciados por expectativas familiares, culturais, dos amigos, e da sociedade, dentre outras que, conseqüentemente, geram conflitos a partir da necessidade de ser aceito por grupos distintos.

A adolescência se inicia organicamente pelas alterações hormonais que levam às mudanças corporais da puberdade e tende a terminar quando o indivíduo consolida seu crescimento e sua personalidade, marcados pela busca profissional, obtendo progressivamente sua independência socioeconômica (Calligaris, 2009). No entanto, esta fase do desenvolvimento vem se mostrando como uma fase delicada, por conta do comprometimento da saúde mental dos jovens, do ponto de vista psicossocial. O adolescente vivencia, atualmente, um novo momento no campo social, marcado por dinâmicas e relações aceleradas, fluidas e efêmeras, próprias da Modernidade Líquida; momento este, em que os valores circulantes podem ser identificados como tendências que se entrelaçam, marcado tanto pela emergência do sentido de privacidade, quanto pela desvalorização da esfera pública, fortalecendo a cultura do individualismo e o culto coletivo ao hedonismo (Bauman, 2004).

Estas características da Modernidade Líquida estão refletidas no uso das Redes Sociais Virtuais, as quais vêm crescendo de modo acelerado com o advento das redes de internet sem fio e dos aparelhos portáteis e multifuncionais. Estes aparelhos possibilitam o acesso ilimitado no quesito tempo e local, que leva ao uso crescente vivências cada vez mais virtuais, concorrendo com o tempo destinado a experiências presenciais. Essa primazia do virtual vem alterando significativamente a rotina dos(as) adolescentes, bem como interferindo em seu desenvolvimento (Recuero, 2009).

As Redes Sociais podem, no entanto, contribuir para o desenvolvimento do indivíduo de forma integral, desde o âmbito pessoal, ao familiar e comunitário, uma vez que viabilizam uma interação regular e frequente, a partir de conversas, encontros, trocas gestuais, entre outras possibilidades, em um processo de aprendizagem contínua, inclusive no âmbito educacional. Neste contexto, a identidade dos indivíduos

passa a ser performada a partir das materialidades e sociabilidades disponibilizadas pelas redes, exigindo uma flexibilidade constante, de modo a moldar-se e modificar-se continuamente de acordo com as novas tendências de cada momento (Sluzki, 1997).

Recuero (2009) se refere a esta mudança ao relacionar a evolução das tecnologias de comunicação e seus impactos sobre as diversas dimensões da vida, incluindo novos dispositivos educacionais remotos, com recursos de pesquisa e reuniões *on-line*. Para o autor, uma das transformações mais significativas com o advento do computador, juntamente com a internet e das comunicações mediadas por ele foi a transformações do sentido geográfico de lugar. A criação de redes de conexões sociais que ultrapassam os limites geográficos possibilita o contato social e o conhecimento além dos limites espaciais previstos por mapas, instituições ou qualquer rede de convenções e definições geográficas e históricas. Essas conexões remotas dão origem ao que se compreende atualmente como Redes Sociais Virtuais (RSV).

As RSV, através da internet, vêm modificando o modo de relacionamento entre os(as) jovens, impondo padrões de beleza e realização pessoal e profissional, as quais diversas vezes estabelecem expectativas inatingíveis, acarretando sentimentos frequentes de frustração, ansiedade e angústia, proporcionando muitas vezes vivências silenciosas de sofrimento psíquico (Dunker, 2018; Veras, 2018).

Este sofrimento deve ser entendido e observado antes mesmo do desencadear de quadros patológicos, como consequência da dificuldade de elaboração de uma dada realidade e dos modos como o sujeito é capaz de reagir e se posicionar diante de suas experiências. Dunker (2018) considera que o(a) adolescente, ao utilizar as RSV, sente-se pressionado, tornando a experiência cada vez mais árdua de ser vivenciada. Este espaço de socialização virtual é vivido por muitos(as) adolescentes tanto como causa, quanto como fuga das angústias desta fase da vida, quase que simultaneamente.

A esse respeito, a Organização Mundial da Saúde (2020), em seu último relatório sobre a saúde dos(as) jovens, apontou que a saúde mental está

comprometida em um a cada seis adolescentes (10 a 19 anos), o que reflete a experiência da angústia, que pode se organizar a partir de diversas patologias.

Diante deste cenário, propôs-se estudar mais amplamente o uso das Redes Sociais Virtuais por adolescentes e a influência destas nas experiências de sofrimento psíquico. O modo de utilização das RSV e a identificação da expressão de sofrimento psíquico neste contexto, foram investigados, com o intuito de estabelecer estratégias de reflexão acerca desta utilização e as possibilidades de delimitar modos de utilização saudável.

A partir do exposto, a presente pesquisa pretende responder à seguinte pergunta: como o uso de Redes Sociais Virtuais tem gerado experiências de sofrimento psíquico em adolescentes, estudantes de uma instituição de ensino da rede privada, localizada em uma cidade do Sertão da Bahia, durante o período da Pandemia? Essa investigação tem o intuito de compreender a relação entre o uso de Redes Sociais Virtuais (RSV) e o sofrimento psíquico de adolescentes, especialmente considerando a Pandemia e as transformações nos espaços de socialização e aprendizagem virtuais, impostos pelo isolamento social.

Adolescência conectada

Na contemporaneidade, as tradições culturais, enquanto grandes narrativas norteadoras para os jovens, vêm tornando-se cada vez mais enfraquecidas, o que reflete a perda de forças nas referências encontradas nas instituições sociais tradicionais, como o Estado, a Igreja e a família, por exemplo. Neste cenário, o adolescente é exposto, cada vez mais, a demandas e estímulos novos propostos pelas tecnologias e, conseqüentemente, a escolhas – sem que possuam referências balizadoras para guiar suas atitudes (Araújo; Vieira; Coutinho, 2010).

As constantes mudanças na contemporaneidade parecem também revelar-se como fator mobilizador de transformações importantes na vivência desta fase da vida, uma vez que carregam consigo novas exigências e modos de relação. A própria ampliação do período da adolescência, com a saída ao mercado de trabalho e à vida independente cada vez mais tardia, é uma delas (Abramo; Branco, 2005).

Considerar a adolescência como um período de amadurecimento progressivo e formação de identidade, implica no reconhecimento de que a ausência de referências e padrões mais estabelecidos pode funcionar enquanto vetor de vulnerabilização, por tornar o(a) adolescente mais suscetível ao sofrimento e ao desamparo em seu processo de individuação, o que pode desencadear um prolongamento desta fase ou mesmo a exposição a situações que possam vir a comprometer sua integridade. A dificuldade de perceber as consequências de suas escolhas e atitudes, reforçadas pelos padrões mais flexíveis e por vezes ausentes, pode expor os(as) adolescentes a uma realidade em que o limiar entre os desejos, possibilidades e riscos se tornam imperceptíveis.

Stengel afirma que a adolescência “é um tempo pleno da existência [contemporânea] e não apenas uma simples represa entre duas épocas da vida”. (Stengel *et al.*, 2018, p. 87). Neste período, o(a) adolescente assume o protagonismo de sua vida, reivindicando a autonomia e o direito de tornar-se outro(a), e estabelecendo relação de alteridade às referências familiares, em sua busca de autoafirmação e resposta ao conflito de interesses – entre a realidade interior (desejos e identificações), a realidade familiar e a realidade exterior (amigos, mídia, cultura) – e de estabelecimento de sentido à sua existência.

E é aqui que as Redes Sociais Virtuais despontam como ferramenta para esta “autonomia”, tornando sua compreensão um imperativo elementar para aqueles que pretendem debruçar-se sobre a adolescência e a experiência psíquica de viver e crescer na contemporaneidade. O uso das Redes Sociais vem alterando significativamente a rotina dos(as) adolescentes e modificando os modos de relacionar-se, impondo padrões de beleza e idealizações de realização pessoal e profissional.

No contexto de utilização das Redes Sociais Virtuais, os riscos que envolvem os(as) adolescentes são observados no relatório da *TIC Kids Online Brasil* (2018). Neste documento foram apresentadas evidências de que cerca de 30% de adolescentes entrevistadas e 24% dos adolescentes reportaram terem sido tratados(as) de forma ofensiva e declararam ter testemunhado situações de discriminação na rede (48% entre elas e 39% entre eles). Os motivos foram ligados à

cor ou raça e à aparência física. Outros conteúdos considerados sensíveis também foram citados pelos(as) entrevistados(as). A proporção das adolescentes (27%) que tiveram contato com cenas de violência na Internet foi superior à dos adolescentes (17%).

A Organização Mundial da Saúde (2022), em seu último relatório sobre a saúde dos jovens, aponta que a saúde mental está comprometida em um(a) a cada seis adolescentes (10 a 19 anos), e que 50% dos problemas de saúde mental começam aos 14 anos de idade. Contudo, a maioria dos casos não é detectada nem tratada. Tal relatório acrescenta ainda que o suicídio, atualmente, é considerado a terceira principal causa de morte entre adolescentes de 15 a 19 anos.

Alterações no âmbito da saúde mental passam antes por vivências mais cotidianas de sofrimentos, que podem ou não evoluir ou ser diagnosticadas como uma patologia. Para compreender o sofrimento, Freud propõe três direções de origem: (1) aquelas que provêm do nosso próprio *corpo*, condenado à decadência e à dissolução; (2) aquelas que provêm *do mundo externo*, que podem voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, (3) aquelas que emergem de nossos relacionamentos com os outros (família, estado e sociedade), o qual é mais intenso e difícil de ser vivenciado” (FREUD, 1996, p. 49).

O sofrimento antecede diagnósticos e não pode ser compreendido apenas dentro de um espectro patológico em busca de rótulos e tratamentos e, sim, como algo que tem se ampliado no contexto da contemporaneidade e é refletido nas RSV. De acordo com Veras (2018) e Dunker (2018), é preciso atentar para os efeitos psíquicos da RSV's, uma vez que elas têm servido simultaneamente tanto como válvula propulsora (que motiva), como também enquanto válvula de escape (que serve como alívio) das principais vivências de sofrimento, atualmente.

Dessa forma, não se trata de um sofrimento “institucionalizado” pelos discursos da psiquiatria ou da psicologia, ou mesmo de padrões morais preconcebidos. Trata-se aqui da manifestação de angústias existenciais, que expõem consequências das mudanças sociais vivenciadas na atualidade e que recaem com força maior entre os(as) jovens. Trata-se de alterações frequentes do humor e mudanças no comportamento diante das pressões sociais e das novas experiências vividas

pelos(as) adolescentes. É “quando há uma ruminação incessante de um acontecimento sem sua elaboração [...] não sendo possível, ao sujeito, criar para si novas normas” (Braga, 2017, p. 826).

Veras faz uma leitura sobre as experiências vividas nas RSV como árduas, ao propor que “[...] nada mais difícil que surfar na rede, emitir opiniões, aceitar a opinião do outro, saber se indignar, se retratar, saber se desviar de torpedos e ataques de nítida inspiração paranoide” (2018, p. 9).

Assim, ao tratar do sofrimento psíquico na contemporaneidade, Dunker (2018) retoma o declínio do rigor estabelecido pelas referências morais, pelos valores firmes e pelas crenças arraigadas em tradições, marcas de uma sociedade sólida, que não se fazem valer na Modernidade Líquida, com seus modelos e referências efêmeras. Estes novos modos de relacionamento e referências são difundidos instantaneamente, com a facilidade de acesso e propagação da internet, atualizando e aumentando expectativas em relação ao alcance de sua performance e reconhecimento, tornando-as inatingíveis, suscitando sentimentos frequentes de inadequação e fracasso. Neste cenário, nenhuma vida parece estar à altura de tamanha massa de comparação.

No que se refere ao sofrimento que acomete o(a) adolescente contemporâneo(a), a exposição às redes sociais virtuais conduz à experiência de autonomia e à individualização precoces, que frente à pouca maturidade e à falta de orientação e de valores familiares e sociais, tornam-se fatores complicadores no desenvolvimento, na identificação e na condução de si. O comportamento desempenhado nas redes reflete compartilhamentos aleatórios e inconsequentes, bem como atribuição das conquistas ou fracassos apenas ao(a) próprio(a) jovem (Veras, 2018).

A pandemia da Covid e os impactos do uso das redes sociais

Com a elevação da contaminação pelo Novo Corona Vírus (Sars-cov-2), causador da doença Covid-19, o estágio de epidemia foi elevado, pela OMS, à pandemia, levando cada país a adotar medidas protetivas e de tentativa de controle

da disseminação dessa enfermidade. Cada nação estabeleceu estratégias para mitigar a contaminação, que foram cumpridas dentro das possibilidades sociais e financeiras e de acordo com as informações sanitárias que favorecessem o entendimento de tais estratégias protetivas, o que marcou camadas de desigualdades significativas. Destacou-se, dentre as medidas sanitárias, o isolamento social, em menor ou maior grau. Deste modo, uma grande parcela da população mundial viu-se privada de interações humanas presenciais. E, repentinamente, a estratégia do uso das Redes Sociais Virtuais, que vinha crescendo, mas que permanecia ainda restrita a grupos sociais mais abastados, tornou-se central à vida social, passando, mesmo, a ser considerada como solução para as relações humanas, instituindo-se em um espaço fundamental e único para viabilizar as relações interpessoais, o entretenimento, o trabalho e a educação. A internet passou a ser, na pandemia, a saída para o encontro de um novo (possível) normal da sociedade.

No universo do(a) adolescente, orientações neuropediátricas que antes questionavam o uso de telas, no que se refere aos quesitos tempo e conteúdo, precisaram ser flexibilizadas e ressignificadas, uma vez que atividades consideradas essenciais, como a educação, viram-se obrigadas a migrar para o contexto virtual, pela impossibilidade de ocorrer no contexto presencial, como pode ser observado no manual de diretrizes da Sociedade Brasileira de Pediatria (2020). Ressalta-se, neste documento, que, não somente a educação, mas quase todas as outras atividades dos(as) adolescentes, só puderam ser continuadas no espaço digital, incluindo contato com amigos, atividades de lazer, suporte de saúde (consultas e acompanhamentos). Tudo isso fez com que mantivessem o uso habitual das tecnologias, como aumentassem, também, esta utilização, expressivamente, tanto no que se refere ao tempo, quanto às ferramentas digitais utilizadas.

No contexto de pandemia, as Redes Sociais Virtuais já conhecidas e utilizadas (*Instagram, Twitter, WhatsApp, Youtube, Facebook...*) despontaram e outras tantas ganharam notoriedade e evidência entre os(as) adolescentes, como o *TikTok*, plataformas de *Streams*, e aplicativos de reuniões virtuais como *Zoom, Google Meet*, entre outros. Desse modo, pode-se inferir que o isolamento social adotado para o enfrentamento da Pandemia do Covid-19 intensificou alguns elementos ligados à sociabilidade digital, como diluição de fronteiras público-privadas-íntimas à

hiperexposição e à espetacularização. O filósofo Byung-Chul Han (2020), ao cunhar o conceito de “sociedade da transparência”, descreve uma sociedade marcada pela aceleração e atravessada pelo incremento massivo de atividade, produção e comunicação. A sociedade da transparência, nos diz Han (2020), sustenta um excesso de positividade que conduz a um novo cenário de patologias. Há, na sociedade atual, uma ausência de narratividade marcando um empobrecimento semântico (Han, 2019).

A internet imperou, no período de pandemia, como solução para os impactos da restrição social imposta, além de apresentar facilidades para o desenvolvimento de práticas e atividades, com a facilidade de estar em casa e poder fazer-se presente e ativo(a) em diversos contextos. Consequentemente, cada vez mais, as rotinas passaram a ser preenchidas por atividades capazes de ocupar de “forma saudável” o tempo de isolamento: aulas, treinos esportivos, práticas de meditação, *podcast*, reuniões, festas, shows, cursos, apresentações *on-line*, campeonatos esportivos, disputas de videogames, entre tantos outros. Estas estratégias foram empregadas para ocupar o tempo e minimizar os efeitos colaterais que o isolamento poderia desencadear devido à solidão, como depressão e ansiedade, e até problemáticas ainda maiores, como as tentativas de suicídio, atreladas não somente ao isolamento, mas também à tensão ligada aos contextos de fragilidade desencadeados pela pandemia.

A algoritmização da vida constituiu-se em um desafio a mais em tempos de pandemia, por acarretar uma condição de aceleração digital que não fora programada (Ruiz, 2021). Essa algoritmização passou a estabelecer um controle em termos de comportamento, tanto nos(as) filhos(as), como nos próprios pais e mães que são, também, consumidores(as) desses produtos), na medida em que promoveu mudanças profundas no laço social e, também, o aniquilamento de sentidos, além de produzir efeitos na economia psíquica, favorecendo o estabelecimento de novas patologias.

Nessa direção, a compulsão e a dependência já associadas ao uso de internet foram estendidas a aparelhos digitais. Tolerância e abstinência com concomitante desconforto físico diante da interrupção ou alteração de padrões de uso das telas já estavam descritas na literatura científica, nos casos da dependência de internet

(Greenfield, 2011). Nessa direção e embasada em pesquisas das neurociências e em artigos científicos, a Sociedade Brasileira de Pediatria elaborou, em 2020, orientações para os pais e as mães a respeito do uso das tecnologias digitais, ponderando a importância de se controlar a exposição excessiva às telas e de se supervisionar o acesso aos conteúdos, evitando o contato com temas concebidos como inadequados (SBP, 2020). Por conseguinte, os pais e as mães, já atribulados(as) com as novas exigências dadas pelas mudanças nas rotinas domésticas, do trabalho (em sistema de *home office*), do processo de escolarização dos(as) filhos(as) (em condição de *home school*), além de toda espécie de privação de circulação social e de lazer, viram-se desafiados(as) a gerenciar o cotidiano de seus(suas) filhos(as), com vistas a minimizar os desdobramentos em termos da saúde mental (Almeida *et al.*, 2020).

Método

Para compreender os modos de relacionamento de adolescentes com as RSV's, propusemos o desenho de um estudo de metodologia qualitativa a partir da realização de Grupos Focais, os quais se baseiam na comunicação e na interação entre os(as) participantes. O principal objetivo deste método é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico (sugerido por um pesquisador(a), coordenador(a) ou moderador(a) do grupo), a partir de um grupo de participantes selecionados(as). Ele busca colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema, produto ou serviço.

Foram realizados três grupos focais distintos, em uma escola regular da rede privada de Educação do Estado da Bahia, fundada em 1994, que possui atualmente 20 turmas, totalizando pouco mais de 660 alunos(as) matriculados(as). Trata-se de uma instituição de Ensino Básico (6º ano do nível fundamental ao 3º ano do médio), com funcionamento nos turnos matutino e vespertino, situada num bairro central (Ponto Central) da cidade de Feira de Santana, Bahia.

Feira de Santana é um município do Sertão da Bahia, região semiárida do Nordeste do Brasil, e está localizada no centro-norte baiano, a 108 quilômetros da capital do estado, Salvador. É a segunda cidade mais populosa do estado e primeira cidade do interior nordestino em população, sendo considerada uma capital regional

e sede da segunda maior região metropolitana do interior nordestino. Feira de Santana é o principal centro urbano, econômico, político, educacional, tecnológico, industrial, administrativo, cultural e comercial do interior da Bahia e um dos principais do Nordeste, exercendo influência sobre centenas de municípios do estado. Além de maior, é também a principal e mais influente cidade do interior, da região Nordeste.

A pesquisa planejou a realização de três grupos focais, sendo um primeiro misto, formado por 4 participantes do sexo feminino e 3 do sexo masculino entre 12 e 18 anos; e dois outros grupos separados por gênero, um com 8 garotas e outro de 7 garotos, na mesma faixa etária. Com cada um dos grupos foi realizado em um encontro virtual, através da plataforma Google Meet. A duração de cada encontro foi em média uma hora, durante a qual a pesquisadora utilizou estratégias disparadoras das discussões, tais como imagens, vídeo ou questões, a fim de motivar e canalizar para o tema central da pesquisa.

Os encontros foram gravados, com autorizações previamente solicitadas e consentidas. Além disso, possíveis observações e comentários foram registrados por escrito pela pesquisadora, para fins de análise contextual das conversas gravadas. As discussões dos grupos foram gravadas, para possibilitar a transcrição e análise dos dados. Esse projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o CAAE 29800520.5.0000.5544. Os nomes dos(as) participantes foram reservados(as) para garantir o anonimato.

Os registros dos Grupos Focais foram transcritos e analisados por meio da Análise da Produção de Sentidos no Cotidiano, teoria que entende a comunicação como uma prática social, dialógica, que implica a linguagem em uso. A produção de sentido é tomada, portanto, como um fenômeno sociolinguístico – uma vez que o uso da linguagem sustenta as práticas sociais geradoras de sentido – e busca entender tanto as práticas discursivas que atravessam o cotidiano (narrativas, argumentações e conversas, por exemplo), como os repertórios utilizados nessas produções discursivas, levando em consideração as dimensões de tempo, linguagem, pessoas (Spink; Lima, 2013).

A teoria “Práticas Discursivas e Produção de Sentido” fundamenta a análise dos diálogos construídos nos encontros dos Grupos Focais e parte da consideração

de que a vida em sociedade provoca a constante construção de sentidos que podem ser observados em diálogos e interações.

Após a realização destes grupos, a transcrição das falas e a correlação com o objeto de pesquisa, foi possível observar e delimitar diferentes categorias de estudo e análise, a saber: 1. As diversas possibilidades de uso: Redes sociais como fonte de comunicação, entretenimento e aprendizagem para os adolescentes; 2. Limites necessários: Modo e Tempo de Uso; 3. Múltiplos Perfis e Identidades (Real X Virtual); e 4. Sofrimento Psíquico, com subcategorias, que permitiram uma análise mais detalhada. No entanto, o presente artigo pretende dedicar-se a exploração da categoria que trata da compreensão do Sofrimento Psíquico no Adolescente frente às Redes Sociais Virtuais, e como subcategorias: 1) Toxicidade: discurso de ódio, extremismos, intolerâncias; e 2) O impacto dos padrões perfeitos e opiniões absolutas. As outras categorias serão exploradas em outros artigos.

Resultados e discussão

Sofrimento Psíquico

A categoria sofrimento psíquico abarca narrativas sobre dores psíquicas, angústias e dificuldades vividas pelos adolescentes durante a pandemia, atribuídas por eles(as) ao uso das RSVs. Através de relatos pessoais e elaborações compartilhadas, os(as) adolescentes puderam discorrer sobre essa vivência de modo a produzir sentidos acerca dessa nova realidade, que conforma características peculiares e novos modos de relacionamento consigo e com os pares. Os dados coletados corroboram com Dunker (2018), quando aponta que o(a) adolescente, ao utilizar as RSV, sente-se pressionado(a), tornando a experiência cada vez mais árdua de ser vivenciada. O ambiente virtual além de constituir-se, como válvula de escape, passa a ser, também, o meio de pressões das angústias desta fase da vida. É, neste espaço, inclusive, que eles vivenciam situações que levam ao sofrimento psíquico e são percebidas como arriscadas e extremistas, demandando atenção e cautela no uso dos aplicativos.

a) Toxicidade: discurso de ódio, extremismos, intolerâncias.

Seguindo esta relação de preocupação em relação ao julgamento e à exposição, os(as) participantes do estudo foram questionados(as) sobre a percepção do impacto emocional e sobre a vivência de situações constrangedoras e de sofrimento psíquico. Em seus relatos, deram sentido a esse sofrimento derivado de constrangimentos públicos, comentários preconceituosos e intolerâncias, a partir do sentido de “toxicidade” no contexto virtual das Redes Sociais. G1J comenta “com essa cultura, as pessoas começaram a ter medo do que falam”.

G2B também comenta que

Essa tal de política do cancelamento e tal, isso acontece muito no Twitter e eu acho que isso é uma prática que não precisava. Acho que a pessoa, se acontecer alguma coisa errada, eu podia sentar e conversar com outra pessoa. Ou senão sobre as pessoas famosas e tal. Eu acho que tudo poderia ser muito menos tóxico, em relação a esse ponto, entendeu?

A classificação denominada de *transtorno do jogo* pela internet já se encontra descrita no DSM-V. Essa descrição, presente na seção destinada aos adoecimentos que necessitam de maior aprofundamento por meio de pesquisas, aborda a questão do uso excessivo dos eletrônicos, ainda de maneira restrita e sem aprofundamento teórico (Tumeleiro *et al.*, 2018).

O diagnóstico dos “*gaming disorder*”, por seu turno, já incluído no CID 11, refere-se aos casos de uso, com prejuízo dos dispositivos digitais. São categorizados dois subtipos: “predominantemente on-line” e “predominantemente off-line”. As relações com os eletrônicos não devem, contudo, ser pensadas de maneira generalizada, tampouco homogênea; pelo contrário, indicam a importância de uma compreensão clínica, considerando a singularidade de cada sujeito, avaliando, inclusive, o quanto podem ser mais ou menos patológicas (Lima, 2020).

b) O impacto dos padrões perfeitos e opiniões absolutas

Muitos deles aprofundando a discussão acima, comentam sobre uma preocupação excessiva com a perfeição, buscada e divulgada por muitos, reconhecida como “fachada” e irreal. Eles(as) relatam inclusive que as postagens são

pensadas e feitas levando esse ideal em consideração. Reconhecem ainda que existe uma variação significativa entre o perfil e objetivo de uso entre as RSV. Entre elas, podemos destacar o Instagram, considerado por muitos como um espaço onde os padrões de beleza e de “felicidade” constantemente são reforçados e buscados. Em outro extremo, o Twitter que cultiva uma espécie de liberdade de expressão, mas também de criticidade ideológica, deixa-os mais à vontade para as publicações e posicionamentos discursivos, mesmo que estes não sejam atrelados à sua identidade pessoal, uma vez que este último dispositivo apresenta uma flexibilidade maior e permite a criação de perfis mais genéricos. G2C traz uma crítica às RSV:

As Redes Sociais também têm muitos pontos negativos, que é essa ideia de corpo perfeito [...] de vida perfeita, que é mostrado no Instagram [...] e que as pessoas não são assim, ninguém é assim, todo mundo tem suas dificuldades, tem seus problemas [...]. Mas as pessoas só mostram as coisas boas no Instagram.

Este relato converge com Han (2020), quando discute que na Sociedade da Transparência há um prejuízo e uma alteração da dinâmica da atenção diante da hiperbólica positividade aí manifesta, com exagero de estímulos e de informações, não sendo aceitos nem o sofrimento e nem a dor. Nesse tipo de sociedade, a capacidade de juízo e a criticidade são diminuídas e, ainda, não há possibilidade de expressão da espontaneidade e nem da liberdade. Há um imperativo da transparência que tenta tamponar o vazio, com o excesso de informação, uniformização de atitudes, esvaziadas de sentido, em prol da eliminação do privado e sempre contrárias às singularidades, segundo o autor. A exposição, o espetáculo e os excessos de informação e de comunicação são, portanto, normalizados, desdobrando-se, na perspectiva de Han (2020), em uma vivência sem pudor diante das telas, marcada por uma mostra obscena, pornográfica. A pessoa disposta em uma posição de passividade, é exposta a um processo anônimo da vida, o que permite uma negociação de limites e barreiras. Apesar da pessoa ter diante de si muitas opções, não tem como conseguir o estabelecimento de ligações intensas.

G3C traz para a discussão a reflexão que

[...] vocês estão falando essa questão de comparação, né? [...] lembre-se que a gente escolhe o que a gente vai postar, a gente planta justamente para gerar algo no outro. [...] Aquela felicidade ostentada ali foi um momento, uma foto, de um dia horrroso [...].

Já G2G comenta:

Não sei como esse povo tá conseguindo ficar tão bonito na quarentena, pois estou um caco [...]. Mas tem sempre essa coisa de saber se posta foto. Eu mesmo sou muito insegura com essas coisas, tenho que perguntar a umas 10 pessoas antes de postar, para saber se realmente a foto está boa. Eu acho uns mil defeitos, se não acabo não postando nenhuma [...]. Mas é sempre isso dessa comparação, tanto do corpo, quanto curtida...

No primeiro grupo, o debate do tema foi intenso também e a participante G3C afirma: “Acho que essa questão de comparação acaba sendo muito tóxica. Não podemos deixar nossa vida ser consumida por aqui. Nossa vida não é redes sociais.”

Por trás do uso das RSV, existe um mercado em constante ascensão, que parece seguir em busca de melhorias constantes e uma espécie de disputa entre os dispositivos para conseguir mais adeptos e uma maior atenção de seus(suas) usuários(as).

De acordo com Araújo, Vieira e Coutinho (2010), a principal marca da geração atual está ligada à imersão ao consumo, seja ele material ou de informação, o que é permeado fortemente pela influência das tecnologias que repercutem em várias dimensões do cotidiano social. Esta forte influência tecnológica se dá, sobretudo, para o(a) adolescente, que por vezes pode ter dificuldades para perceber os limites e impactos de tais influências. Em busca de reações virtuais de aprovação, como curtidas em postagens ou comentários positivos, as pessoas consomem e produzem incessantemente, sem mesmo perceberem a artimanha dessa engrenagem.

Para Han (2019), a sociedade da transparência e da positividade é, também, a sociedade do cansaço. O capitalismo transforma, assim, todas as relações em comerciais e de consumo. As pessoas convocadas a se superarem em suas metas e em sua produção veem-se diante do desafio de produzir com pouca ou quase nenhuma interferência. O cansaço, nessa sociedade, é ilimitado uma vez que nela

não se alcança um patamar de suficiência, apontando sempre para a direção da individualização e do isolamento e, portanto, de um fazer solitário. Na sociedade do cansaço, o sujeito destrói-se na vivência ilusória de realizar-se. Assim, outro fator que impacta os(as) adolescentes na contemporaneidade é o fortalecimento do individualismo, introduzido pelo Iluminismo e enfatizado pelas novas formas de relacionar, que fragiliza os ideais e valores coletivos, conferindo aos(as) jovens um radicalismo no que se refere às suas escolhas e princípios, os quais se tornam cada vez mais pautados em seus próprios desejos imediatos, descartando princípios, valores, tradições e preocupação com consequências futuras.

Este forte processo de individualização e de liquidez das relações traz aos tempos atuais uma competitividade acirrada, oferecendo ao indivíduo a profunda experiência de sentir-se só e dependente apenas de si mesmo para fazer suas escolhas, construir seus pensamentos e determinar suas ações, sem dispor de referenciais atrelados a valores humanos de convivência social, como a cooperação e a solidariedade.

O fato é que este mercado não se cansa de inovar, seja dentro dos próprios dispositivos, seja com o surgimento de novos. Uma comprovação deste fenômeno é que enquanto esta pesquisa estava sendo elaborada, novos dispositivos surgiram e ganharam evidência, a exemplo do TikTok, que surgiu pouco antes do início do isolamento social da pandemia e foi referido como fonte de entretenimento para a grande maioria dos(as) participantes da pesquisa. E, ainda, um último “lançamento” neste cenário, fica a cargo do “Clubhouse”. É interessante notar que para cada aplicativo surgem novas formas de interação e de perfil de uso, mas que, em pouco tempo, acaba impactando e influenciando as outras redes já consolidadas.

É notório que os(as) adolescentes estão atentos(as) e curiosos(as) pelas mudanças, lançamentos e acabam por “consumir” tais dispositivos como forma de manterem-se conectados(as), atualizados(as) e, conseqüentemente, inseridos(as) e aceitos(as) socialmente. Contudo, foi possível perceber uma consciência crítica em relação aos impactos do uso das redes sociais, inclusive a partir de reflexões onde apontam e reconhecem a necessidade de se policiar em relação ao tempo e modos de uso, questão que pode ser destacada em uma das muitas falas em referência a

este quesito: “Eu queria postar sempre, queria estar no centro das atenções. Daí coloquei uma função para me avisar o aumento do tempo de uso e tirei da tela principal os app das RSV” (G1C).

Zarur e Campos (2015) consideram que as transformações que aconteceram até os dias atuais estão ligadas aos processos de globalização, e não param de surgir nos mais diferentes espaços sociais, modificando padrões e modelos existentes há muitas décadas. As relações sociais sofreram um processo de aceleração e integração global. O avanço da tecnologia trouxe mudanças sistêmicas, principalmente, na comunicação, nos meios de produção industrial, na informática e nos transportes, reduzindo tempo, distância e otimizando resultados.

Mas o excesso merece ser visto e requer cuidados. Maximizar a produção faz parte da sociedade do desempenho, em que as pessoas empresárias de si mesmas são convocadas a produzir cada vez mais, como alerta Han (2019). O inconsciente social de pessoas aparentemente livres, aponta, ao contrário para uma ‘liberdade coercitiva’, no pensamento do autor.

Como reflexão acerca da experiência profunda e intensa gerada por usos disfuncionais das RSVs, é importante discutir sobre os desfechos trágicos que estão cada vez mais sendo frequentes entre crianças e adolescentes, diante da incongruência entre a identidade virtual e a as limitações da identidade real. A experiência da convivência com a opinião e constante olhar do outro, também passa a ter uma representação limítrofe de sofrimento extremo, condição que leva ao que pode ser compreendido como mal-estar, que expressa o conflito psíquico do sofrimento e que pode levar à expressão de sintomas físicos e psíquicos.

Neste contexto, os sofrimentos adolescentes vêm assumindo novas expressões afetivas, nas quais as principais marcas deixam de ser o medo e a vergonha e passam a ser a raiva de si e a culpa, o que nitidamente desloca a carga de origem destes elementos para o sujeito, surgindo então expressões deste sofrimento em comportamentos automutilantes, como o *cutting* (cortar-se ou escarificar-se para, por meio da dor, alterar a experiência de angústia) e até de experiências mais extremas, como o próprio suicídio. Trata-se de uma vivência

suscetível a todos e por isso o sofrimento psíquico deve ser de responsabilidade e de preocupação de toda a sociedade.

Considerações finais

O estudo desta temática permitiu colocar em diálogo referências teóricas importantes, de modo a construir reflexões a partir de elementos que são constantemente observados na prática psicológica, especialmente a partir do acirramento das problemáticas relacionadas ao virtual, desde a ascensão inesperada das imposições do contexto da Pandemia do Covid-19. Afinal, o uso de redes sociais, outrora visto como lazer e distração para os(as) adolescentes, tornou-se prerrogativa para o desenvolvimento de atividades relevantes e até mesmo essenciais para o desenvolvimento, como a educação e a socialização, nesse período, mas ganharam destaque a partir de então.

Assim, é inegável que as RSVs são parte do cotidiano adolescente e a restrição cabal do uso desses dispositivos não tem mais espaço, nos dias atuais. Contudo, se fazem necessárias estratégias de utilização das RSVs, de modo a minimizarem prejuízos ao desenvolvimento, sobretudo, no âmbito psicossocial. Foi interessante perceber que esta percepção do impacto e dos cuidados necessários é notada pelos(as) próprios(as) adolescentes, de acordo com as colocações feitas nos grupos focais realizados nesta pesquisa, ainda que a magnitude da problemática não seja plenamente percebida por eles(as). Mas, apesar disso, e mesmo em contexto de pandemia, os(as) estudantes participantes foram capazes de reconhecer estratégias possíveis de práticas virtuais que contribuam para socialização e para busca de outros benefícios, como o entretenimento e a aprendizagem através das plataformas; bem como, apontar alguns excessos e riscos que podem ser encontrados neste cenário.

Algumas limitações foram encontradas no decorrer da pesquisa, das quais podemos destacar duas: a primeira de ordem metodológica e a segunda em termos de recorte de pesquisa. No que se refere a limitação metodológica, trata-se do fato da pesquisa ter sido levada a realizar-se em contexto *on-line* devido às restrições impostas pela pandemia, o que gerou um cenário que poderia ter se adequado a

outras estratégias metodológicas, não pensadas e conhecidas anteriormente, como a etnografia virtual.

A segunda limitação foi a constatação de que as temáticas de Redes Sociais Virtuais e Adolescência são bastante amplas e levam ao conhecimento e à identificação de uma série de impactos e discussões necessárias. O presente estudo buscou se debruçar no estudo de alguns dos aspectos, não desconsiderando outros tantos que poderiam ser estudados, mas que no contexto metodológico e de duração da pesquisa, não seria viável.

Ao passo que a internet desponta como solução, não se pode esquecer que o uso indiscriminado dela continua a ser uma ameaça no desenvolvimento de jovens e crianças, podendo levar a quadros sérios de dependência (com fortes traços de adicção), bem como desencadear os mesmos quadros apontados acima, como ansiedade e depressão. O fato é que o limiar entre o uso que pode ser considerado “saudável” e o de “risco”, é bem tênue. O uso precisa ser consciente, inclusive no que diz respeito ao acesso a algumas informações, como por exemplo, a leitura de informações em fontes não confiáveis sobre a própria pandemia, que pode levar ao medo e insegurança ou, até mesmo, a uma relativização das recomendações sanitárias.

Há de se considerar tal uso de forma consciente, para que possamos usufruir dos benefícios e facilidades do universo digital oferecido pela internet, com os limites necessários no que se refere à exposição e uso excessivo. Aos(as) adolescentes, a mediação e acompanhamento, por parte dos(as) responsáveis precisa acontecer com constância e atenção, uma vez que esta geração de nascidos(as) na era digital, frequentemente vão apresentar uma maior facilidade e domínio destas ferramentas que seus pais e suas mães, demandando assim uma relação de parceria e acompanhamento e, não, a simples proibição e controle.

Ressalta-se, no entanto, que o presente estudo se compromete a apontar apenas uma das categorias de análise da pesquisa. Seu escopo analítico está composto por quatro outras categorias, e ainda a proposta de um produto, a saber, um programa de intervenção para escolas públicas e privadas, como estratégia de

psicoeducação para reflexão e estabelecimento de estratégias de utilização saudável das RSVs.

Referências

1 BILHÃO DE PESSOAS VIVEM COM ALGUM TRANSTORNO MENTAL, AFIRMA OMS. **Nações Unidas**, [s. l.], 2022. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/06/1792702>. Acesso em: 07 out. 2024.

ABRAMO, H.; BRANCO, P.(org.). **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

ALMEIDA, Roberto Santoro; BRITO, Adriana Rocha; ALVES, Ana Silvia Mendonça; ABRANCHES, Cecy Dunshee de; WANDERLEY, Daniele; CRENZEL, Gabriela; LIMA, Rossano Cabral; BARROS, Vera Ferrari Rego. COVID-19 pandemic: practical guide for promoting the mental health of children and adolescents. **Residência Pediátrica**, v. 10, n. 2, 2020. DOI: <https://doi.org/10.25060/RESIDPEDIATR-2020.V10N2-318>. Disponível em: <http://residenciapediatrica.com.br/detalhes/444/pandemia%20de%20covid-19-%20guia%20pratico%20para%20promocao%20da%20saude%20mental%20de%20criancas%20e%20adolescentes>. Acesso em: 07 out. 2024.

ARAÚJO, Luciene da Costa; VIEIRA, Kay Francis Leal; COUTINHO, Maria da Penha de Lima. Ideação suicida na adolescência: um enfoque psicossociológico no contexto do ensino médio. **Psico-USF**, João Pessoa, v.15, n.1, p. 47-57, abr. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712010000100006> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/mNqr3wsm4y8wKMrvjK7kTTc/?lang=pt>. Acesso em: 6 out. 2024.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981

BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BRAGA, Cláudia Pellegrini. Conexões na transformação da experiência do sofrimento psíquico: articulação entre memória e história. **Interface - Comunicação, Saúde**,

Educação, Botucatu, v. 21, n. 63, p. 823-832, abr. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-57622016.0477>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/yr4bfqxCGGMqGpQC9m97VhN/?lang=pt>. Acesso em: 6 out. 2024.

CALLIGARIS, C. **A Adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2009

DUNKER, C. **Reinvenção da intimidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2018. *E-book*.

FREUD, S. **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos** (1927-1931). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GREENFIELD, D. As propriedades de dependência do uso de internet. *In*: YOUNG, K. S.; ABREU, C. N. de (org.). **Dependência de internet: manual e guia de avaliação e tratamento**. Porto Alegre: Artmed, 2011, P. 169-190.

HAN, B. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2019.

HAN, B. **Sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes, 2020.

LIMA, R. C. Infância e adolescência em tempos de DSM-5 e CID 11: trajetórias da classificação e perspectivas de investigação crítica. *In*: CATÃO, I. (org.). **Mal-estar na infância e medicalização do sofrimento: quando a brincadeira fica sem graça**. Salvador: Àlgama, 2020, p. 55-77.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RUIZ, Castor Mari Martín Bartolomé. Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas. **Cadernos IHU ideias**, v. 19, n. 34, São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2021. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7775-cadernos-ihu-ideias-algoritmizacao-da-vida-a-nova-governamentalizacao-das-condutas>. Acesso em: 07 out. 2024.

SLUZKI, C. **A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Manual de Orientação Grupo de Trabalho Saúde na Era Digital (2019-2021) #MENOS TELAS #MAIS SAÚDE.** Rio de Janeiro: SBP, 2019. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/22246c-ManOrient_-_MenosTelas_MaisSaude.pdf. Acesso em: 6 out. 2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Nota de Alerta Recomendações sobre o uso saudável das telas digitais em tempos de pandemia da COVID-19 #BOAS TELAS #MAIS SAÚDE.** Rio de Janeiro: SBP, mai. 2020. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/22521b-NA_Recom_UsoSaudavel_TelasDigit_COVID19_BoasTelas_MaisSaude.pdf. Acesso em: 6 out. 2024.

SPINK, M. J.; LIMA, H. Rigor e visibilidade. *In*: SPINK, M. J. (org.). **Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas.** Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013, p. 71-99.

STENGEL, Márcia; DOURADO, Simone Pereira da Costa; DIAS, Vânia Costa; SOARES, Samara Sousa Diniz; FRICHE, Marilza de Lima; FRAGA, Jéssica Buthers Lima Ferraz; LOCATELLI, Renata Sartori; SANTOS, Luis Filipe. Geração, família e juventude na era virtual. **Psicologia em Revista**, v. 24, n. 2, p. 424–441, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2018v24n2p424-441>. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/18524>. Acesso em: 07 out. 2024.

TIC KIDS ONLINE BRASIL 2017: pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil. **Cetic.br**, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://cetic.br/pesquisa/kids-online/>. Acesso em: 07 out 2024.

TUMELEIRO, Lucas Franco; COSTA, Aline Bogoni; DEBASTIANI HALMENSCHLAGER, Geovana; GARLET, Márcia; SCHMITT, Jeovani. Dependência de Internet: Um Estudo com Jovens do Último Ano do Ensino Médio. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 11, n. 2, p. 279–293, 2018. DOI: <https://doi.org/10.36298/gerais2019110207>. Disponível em:

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202018000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 out. 2024.

VERAS, M. **Selfie, logo existo**: posts psicanalíticos–baseados em fatos reais. Salvador: Corrupio, 2018.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Adolescent health. **WHO**, [s. l.], 2020. Disponível em: <https://www.who.int/health-topics/adolescent-health>. Acesso em: 6 out. 2024.

ZARUR, Ana Paula; CAMPOS, Jorge Lucio. A juventude como valor na modernidade líquida. **Temática**, João Pessoa, v. 11, n. 1, p. 41-51, jan. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/22679/12544>. Acesso em: 6 out. 2024.